

O laboratório da Nova Psicanálise: cura e instituição¹

MD Magno²

Resumo: A psicanálise é diferente da psicologia e da filosofia, que operam referidas aos acontecimentos mundanos e suas articulações. A ética da psicanálise tem referência no Real e é determinada por seu estatuto místico, que é de afastamento do mundo e é determinado pela Lei pulsional. O laboratório psicanalítico se estrutura mediante a Cura e a Instituição, cujo funcionamento deveria ser exemplar para o mundo.

Palavras-chave: Nova Psicanálise; ética; instituição

Abstract: Psychoanalysis differs from psychology and philosophy, which operate in reference to the articulations of what happens in the world. Psychoanalysis' ethics is referred to its mystical statute, which means 'complete rejection of the world' and is determined by its freudian (*Trieb*) Law. Psychoanalytical laboratory is made of Cure and Institution, whose operation should be an exemple for the world.

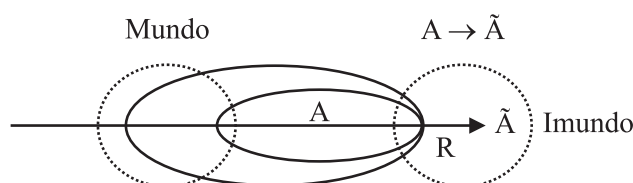
Keywords: New Psychoanalysis; ethics; institution

A **ética** da psicanálise é determinada por seu **estatuto místico**, que é determinado pela **Alei** ('Haver quer não-Haver'), a qual, para possibilitar a lida com o mundo, impõe que o estatuto da psicanálise seja místico. Não se trata de beatice, e sim de que, em várias áreas do chamado misticismo, o exemplo é de afastamento e de indiferenciação em relação ao mundo. Exemplo este que, em referência à Alei, é tomado como indicador do estatuto da psicanálise enquanto místico. E a ética que a Nova Psicanálise pode oferecer está determinada por este estatuto. Vejam, então, que uma coisa está em seqüência e em consequência da outra. Esta ética não é pieguice ou obrigação moral, ainda que em sentido kantiano. É simplesmente o comportamento necessário para chegar onde o estatuto indica. Se quisermos lá chegar, o comportamento necessário será este que está dito no estatuto:

¹ Texto retirado da seção 14 do Falatório do autor, *A Rebelião dos Anjos: Eleutéria e Exousía*, realizado em 10 de novembro de 2007.

² Psicanalista. Professor aposentado (Eco / UFRJ). Ex-Professor do Depto. de Psicanálise de Vincennes (dirigido por Jacques Lacan). Fundador do Colégio Freudiano / RJ e criador da Nova Psicanálise e do NovaMente. Realiza seu Seminário, atualmente chamado "Falatório", ininterruptamente desde 1975. Email: mdmagno@novamente.org.br

afastamento do mundo no sentido da indiferenciação com referência ao Real, portanto, ao Imundo. A psicanálise é uma imundice, chega a ser nojenta: não é mundana, e sim imunda. O psicanalista, aquele situado diante do mundo na referência ao Imundo, ao Real, sempre está situado como estrangeiro em relação ao mundo, qualquer um, até o da psicanálise. Ele não encontra morada em mundo algum, apenas lida, transa com ele. A pessoa do psicanalista está mergulhada no mundo, mas o psicanalista enquanto tal, no exercício de sua prática, não pertence a ele.



Psicanálise diferente de psicologia e filosofia

Esta seqüência é importante, pois, apesar dos esforços de Lacan, que pouco conseguiram nessa área, perdeu-se a noção da diferença posta pela psicanálise. Sobretudo no mundo contemporâneo, em que a vaca já foi para o brejo há bastante tempo, dado que, por não haver muita referência assentada, a dispersão e os dispersóides são capazes de mexer em qualquer construção discursiva. É importante porque Lacan fez grande esforço para mostrar a diferença entre psicanálise e psicologia, mas era-lhe muito difícil mostrá-la. A diferença, para ele, seria entre o inconsciente e sei-lá-o-quê; deveríamos apreendê-la nas transas significantes do inconsciente em desconexão para com as transas da consciência... Para nós, torna-se mais clara. A maioria dessa gente que se chama de psicanalista hoje está fazendo psicologia, e da mais barata. Ou seja, fora do estatuto que apresentei o que se faz é psicologia. A diferença está em que a psicologia se dá no mundo. São transas discursivas no mundo, sua referência são os acontecimentos mundanos e as articulações feitas em torno deles. Podem ter serventia local, mas para a psicanálise trata-se do que se faz na transa com o mundo tendo por referência o Real, e não o mundo. O mundo não é referência suficiente, pois a psicanálise é estrangeira a ele. Qualquer mundo é passível de ser submetido à sua referência fundamental, perdendo portanto qualquer indicação necessária, pois tudo é contingente. A psicologia, em sua prática, faz parte da cultura. Se a psicanálise lida com discursos misturados à cultura, seu estatuto e seu referencial escapam completamente de qualquer formação cultural. A postura do analista é esta e é superior a qualquer formulação a respeito da psicanálise. Aliás, a psicanálise só pode dar alguns passos, muito raros, porque o lugar do analista é fundamental e superior a qualquer formulação a respeito dela. Se fosse mera psicologia, estaria engasgada em si mesma

desde o começo. Não é um progresso científico ou de conhecimento que a determina, e sim a postura psicanalítica que talvez, eventualmente, determine algum movimento do dito a seu respeito.

A psicanálise tampouco é filosofia, como se tem insistido depois da besteira lacaniana de misturá-la (ainda que sem a intenção de fazê-lo). Dá para misturar a filosofia com certos discursos a respeito da psicanálise, mas a postura do psicanalista não é a do filósofo. Esta é de relação com o mundo, referenciada a ele e procurando saberes que dêem conta dele. Se a psicanálise eventualmente dá conta do mundo é justo por se lixar para ele. Sua referência é o escape do mundo, sua indiferenciação. A psicanálise dá passos, que podem ou não ser chamados de progresso, forçados pela HiperDeterminação, que é a referência ao Real; e não forçados pela sobredeterminação, que é a chicana dos saberes. Não quer isto dizer que, na chicana da psicanálise com o mundo, ela não possa lançar mão de tal ou qual dito de um filósofo. Não confundi-la, entretanto, com a filosofia ou com a ciência, embora em sua produção de saberes com referência ao Real ela se aproxime mais da postura científica do que de qualquer outra. Que os epistemólogos briguem para saber o que é ou não ciência, isto não é problema da psicanálise. Que Karl Popper diga que a psicanálise não é falsificável, é problema de sua teoria a respeito do que poderia ser uma razão epistemológica. A postura da psicanálise é científica, ou seja, na referência ao Originário, ela busca no mundo experiências verdadeiramente laboratoriais para ajeitá-las de algum modo. Se seu discurso não chega à “precisão” das ciências exatas ou outras, não importa, e sim que sua postura é a de tentar produzir saberes segundo sua referência própria, saberes hauridos de sua experiência. E mais, a psicanálise pode usar qualquer expediente – psicológico ou outro –, desde que funcione para cumprir seu estatuto, e não para se cumprir como expediente.

A técnica por excelência e o “tardemais”

A técnica da psicanálise por excelência é algo muito antigo. Uma descrição perfeita pode ser encontrada no capítulo “*Dead Words, Living Words, and Healing Words: The Disseminations of Dogen and Eckhart*”, de David Loy, publicado nas páginas 33-51 do livro *Healing Deconstruction: Postmodern Thought in Buddhism and Christianity* (Atlanta Georgia: Scholars Press, 1996), também editado por ele. (Lembro, de passagem, que já lhes disse que o que hoje querem chamar “desconstrução”, no início do século XX foi chamada “psicanálise” por Freud). Loy escreve que, nas últimas instruções a seus sucessores, antes de morrer, Hui-neng – monge chinês (638-713) – “ensinou mais sobre como ensinar: ‘sempre que um homem lhes colocar uma questão, respondam com seu antônimo, de modo que um par de opostos se formará, como ir e vir. Quando

a interdependência de ambos é inteiramente abolida, não há, em sentido absoluto, nem ida nem vinda'. Se alguém estiver fixado em uma visão, desafiem-no com a visão oposta – não para convertê-lo àquela visão, mas para deslocá-lo de todas as visões de modo a poder escapular entre elas". O ensino de Hui-neng, que é principalmente reverenciado no Japão, foi recolhido na obra *Doutrina dos tesouros da lei*, e se tornou um dos cânones do pensamento zen. Ele é fundador da escola do sul do budismo zen, que prega a iluminação instantânea, ou seja, espera-se que a coisa pegue no tranco e acordemos. Outras escolas pregam a iluminação progressiva, em que se espera progressivamente chegar lá. Quanto a mim, tenho a impressão de que precisamos de trancos progressivos: um tranco depois do outro. Vejam, então, que, fundamentalmente e em última instância, a técnica é essa. E tudo isso se possibilitando em situações extremamente precárias.

Freud ensinou que as seqüências, de fatos ou de falas, tomam pleno sentido só-depois (*nachträglich*). Todos parecem já entender isto, sobretudo depois de Lacan fazer aquele grafo com ponto de interrogação, que é mera explicação comunicacional do só-depois. O que os ditos analistas em geral têm se recusado a aprender é que **o sentido que chega só-depois, só nos chega tarde demais**. Há um autor craque em apresentar isto, Henry James (1843-1916), em cuja obra a idéia de fundo é a do *too late*. É melhor forjarmos um *mot-valise* para a psicanálise: TARDEMAIS. É sempre tardemais. É claro que sempre resta entendimento – e é o que podemos fazer. Já os psicólogos, que não têm o referencial que temos, acham que intervêm *antes-ainda* e resolvem os problemas. Falam em prevenção, são prevenidos, mas a única prevenção possível é, desde o começo, fazer a referência ao não-Haver. Aí não tem erro, sempre dará errado, ou seja, está certo.

A postura do psicanalista, em sua referência ao Real, é saber que o sentido só consegue se apresentar depois de terminada uma seqüência. E quando é apresentado, é tarde demais, não serviu para resolver problema algum para a frente, mas só para entender o que já não tem jeito para trás. Isto é lastimável e é a verdade da coisa. E não é inútil, pois, de tanto aprender que só-depois chegamos ao tardemais, acabamos nos referindo, com toda frequência possível, à base fundamental que é o não-Haver. Isto distensiona o processo: lidamos com as coisas, mas com certo afastamento por sabermos que não dará certo. Aliás, o sonho da psicologia é resolver alguma coisa antes e, no final, dar certo. Não dará. O máximo possível é distensionar e indiferenciar, o que, aliás, dá um bem-estar incrível.

Indiferenciação e aposta

O Impossível Absoluto é o não-Haver, mas basta referenciar-se ao lugar de Indiferenciação do Real, que, por tabela, é referência a ele. A postura da psicanálise,

sendo indiferenciadora, é libertária, coisa que psicologias e filosofias não conseguem ser. Observem o exemplo do marxismo, anotado historicamente e escandaloso diante dos saberes do mundo: uma filosofia, que, como todas, ao dar com os burros n'água, mostrou não ser libertária, muito pelo contrário. Se tomarmos a psicanálise em seus discursos hoje, com ditos analistas a psicologizando, ela não passará de ser uma porcaria dessas. Mas esse é o mal-entendido da burrice pós-Lacan, em que acham que psicanálise e filosofia sejam a mesma coisa, em que falam de Heidegger e Hegel no pensamento da psicanálise... Lacan é bastante culpado, embora o que trouxe não seja bem isso.

A posição de Indiferença não significa um lugar onde nada vale, e sim o contrário, é onde tudo vale igualmente, onde tudo *é*. Fazer escolhas é transar o mundo, mas se a referência for a escolha, estaremos ferrados. Se for a Indiferença, estaremos apenas *lidando*, e não seremos aprisionáveis por ele. Como disse outras vezes, apostar não é crer. Ao apostar, nossa referência é o Real, a Indiferença. No mundo, fazemos algumas escolhas com base em nossos sintomas, nos sintomas do mundo. A diferença é não estarmos aprisionados por eles, e sim lidando, jogando. No momento, apostamos aqui, pois parece que é mais interessante, mas sabendo que a aposta é canalha, sintomática e interesseira. Mesmo fazendo isto, podemos não crer e só apostar. Há enorme diferença de uma coisa para outra. Aposta-se porque há interesses, mas não se está aprisionado sintomaticamente. Tanto é que, depois, pode-se fazer a crítica. Observamos que, ao contrário, a normalidade é o fanatismo por qualquer coisa, pelo time de futebol, pelo partido político, pela mãe... E levar alguém a um mínimo de reflexão crítica é praticamente impossível, pois o sintoma não deixa. A postura do analista, a qual tenta transmitir ao mundo, é de que é sintomático e canalha como qualquer outro, entretanto tem uma referência que o suspende. Logo que se refere a ela, fica o mais possível independente e pode ter elasticidade maior do que qualquer apego a significados. Como disse, não devo ter apego nem à teoria que produzo, pois certamente não presta. Isto porque, se for brilhante, será para nada, tardemais, só servirá para outro fazer seu tardemais. Produz-se um tardemais só para outro tardemais ter vez, para empurrar o processo para a frente – e é para a frente mesmo, o que significa: para qualquer lado.

Fim da postura mental do século XX

Freud era um homem de pleno século XIX, esforçando-se para enfiar seu mundo no século XX. No que, como se sabe, teve sucesso: conseguiu dar um salto e acompanhar o movimento para o que se pode chamar de século XX, mas tardemais. É tardemais, pois quando começaram a perceber o que se passava no pensamento freudiano, já era preciso reformular tudo. Aí vem Lacan, reformula, ninguém entende nada, fica aquela zona,

alguns fazem um pequeno esforço, têm certa noção do que ele diz – e agora, quase trinta anos após sua morte, todos são lacanianos, ou seja, o coitado morreu mesmo. Ele era um homem do começo de século XX, esforçando-se para levar seu mundo ao fim desse século. Freud enfiara o século XX no mundo, Lacan se virou para exterminá-lo e, de certa forma, conseguiu. Como sabem, digo que Lacan é um pensamento terminal. Pensam que é um pensamento para o futuro, mas não é, fechou o século XX. Isto é importante, pois essas fatias temporais não passam de ser fatias de construção sintomática em vigor, impondo-se como algo capaz de empurrar os processos para adiante.

Enfim, acabou a baboseira. A vaca do século XX finalmente chegou ao brejo, está lá atoladinha. É isto que dizemos que é dar com os burros n'água. Não há mais recursos por aí, em lugar algum, nem nas ciências duras. O que acontece no campo da física, por exemplo, é uma contestação radical do século XX – Einstein, Freud, Marx, etc. –, da estrutura de pensamento que vigorou até o fim do estruturalismo. De repente, todos se perdem e começam a chamar de pós-moderno, que não quer dizer coisa alguma, mas é algo que está nascendo por aí, cujo nome ainda não brotou direito. Freud, em 1900, começa o século XX, mas como aquilo não pareceu grande coisa, em 1905 Einstein apresenta uma teoria de século XX. Há também o marxismo, que vem trazido de coisas anteriores. É um século cheio de vontade científica e saberes mais ou menos configurados e de completude. É isto que foi para o brejo. Não estou dizendo que se estragou o essencial do pensamento deles, que pode ser renovável, e sim que a postura mental do século XX acabou.

Por isso, é lamentável ainda ver a propagação de posturas típicas do século XX como se fossem o importante do momento, como se fossem novidade. O lacanismo que corre o mundo já morrerá na mão de Lacan, não é mais preciso morrer na mão de outros. Podemos ainda pensar em termos de estruturas, pois estruturas existem, mas o estruturalismo acabou. Não é por nada que me esforço – e nunca saberei se com ou sem sucesso – em desatolar a vaca e recomeçar a ciranda novamente. É este o sentido de NovaMente: desatolar a vaca e começar tudo de novo, novamente por um outro mesmo jogo. Tomo uma frase de Lacan em um discurso sobre seu ensino: “Eu me exercitei em me colocar numa posição de ensino muito particular, a qual consiste em começar novamente de certo ponto, certo terreno, como se nada houvesse sido feito. A psicanálise quer dizer isto”. Para mim também. Ele começou novamente, como se nada tivesse sido feito, porque há análise. Se ela há, os círculos se apagam, é preciso recomeçar *novamente*, como se nada tivesse acontecido. Talvez digam que estou redondamente enganado, pois está aí corrente o sucesso do lacanismo. Não se enganem, essa é justamente a prova de sua derrocada. Esta lambança não significa que Lacan tenha sido assimilado, mesmo porque, se foi, todos terão conseguido voltar para o século XX.

Exemplaridade e laboratório: cura e instituição

A psicanálise, assim concebida, poderia ser exemplar. Aliás, desde o começo, a cada momento, ela poderia ser exemplar para o mundo. Quando falo em Diferocracia, em contraposição à baboseira cultuada que chamamos democracia, não estou supondo que será possível uma revolução ou uma transposição da democracia para a diferocracia. Não será. Se for, coloquem alguns séculos pela frente. A diferença é de horizonte e de postura. Se o mundo não pode, não consegue, não tem cacife ou condições para entrar no processo da diferocracia, a psicanálise tem e os psicanalistas também. A exemplaridade da psicanálise está justamente aderida a seu estatuto, a sua ética e, fundamentalmente, a sua Lei.

A psicanálise tem conseguido muito pouco, pois sua posição entre os chamados analistas é o tempo todo denegatória. Pessoas se arrumam socialmente em grupos, instituições, coisas assim, supostamente psicanalíticas, mas o próprio ato de fazer isto é denegatório. Está-se fingindo, mediante uma articulação societária, a aderência a um discurso, e o que temos é a evidência de uma sociedadezinha familiar tão imbecil como qualquer outra, em detrimento do discurso que se pretendeu colocar. É algo parecido com o que Lacan dizia sobre não servir a psicanálise à canalha, pois ela ficaria besta. Se o discurso funcionasse, a exemplaridade de mundo e para o mundo seria a instituição psicanalítica, mas todas as que conheço são péssimo exemplo. Usa-se a estrutura, reiteradamente aposta-se na estrutura institucional – para não funcionar a psicanálise. O funcionamento da ética, do comportamento que leva à funcionalidade do estatuto no regime da Indiferenciação, da Indiferença como referência, faria com que cada um dos analistas tivesse o mínimo de experiência, de referencial, para entender e acolher todas as diferenças na discussão, mas com serenidade. É o mesmo que a diferença entre aposta e crença. Mas, nas tais instituições psicanalíticas, o tempo todo a referência é a sintomática individual ou de grupo. Como não se lida com a sintomática tendo por referência a Indiferenciação, o que temos é igual a briga de cachorros na rua.

Por que a psicanálise desde o começo tem uma pega institucional que não existe, por exemplo, nas ciências? Por ser um discurso que trata das relações de mundo e, no que o faz, precisa constituir um mundo onde possa exercer sua visão. É um laboratório. Um escritor pode dar as costas, mandar todos às favas e ser solitário, mas isto não é funcional do ponto de vista psicanalítico. Para constituir a própria psicanálise, precisamos de dois laboratórios fundamentais: o da Cura, em qualquer situação, individual ou não; e o Institucional, que é um micromundo para se fazer experiências do discurso psicanalítico intervindo nele. É justo o que esses micromundos não permitem por se montarem para constituir sintomas poderosos que não deixam a psicanálise funcionar e para proteger

o mundo da psicanálise. A exemplaridade da psicanálise é política também. Não vai modificar o mundo, mas pode exemplarmente apresentar-se como uma postura. Quem sabe se o mundo não pode se aproveitar disso e chegar a um outro lugar político? Isto é, portanto, experimental e laboratorial no tratamento analítico de qualquer modo que compareça, inclusive no tratamento institucional.

Uma instituição psicanalítica, se existisse – e denunciou que não existe –, seria exemplar disso. Nela, cada um estaria procurando sua referência para que a instituição fosse exemplar de outro estatuto político, coisa que é muito perigosa. Observem que os saberes que circulam pelo mundo até fazem pequenas associações, mas que não são determinantes ou exemplares da produção, pois esta se dá em outro lugar. Um físico pode pertencer a uma associação de físicos, mas sua produção não depende dessa inclusão. A da psicanálise depende de seu laboratório, precisa ter essa estruturação. No que precisa disso, fica com cheiro de religião e o grupo começa a imitar as sociedades de fora, a imitar a família sem análise alguma de sua porcaria. Imitam o mundo idiota, sua familiazinha, sem fazer o exercício de, no regime societário, manter sua referência e, mediante ela, procurar indiferenciar a cada momento.

Rebelião à revelia e conhecimento + revolta

O que chamo **A Rebelião dos Anjos** está se realizando. Infelizmente, à revelia – o termo é preciso, tem o mesmo radical – dos conhecimentos e das ordenações. Isto é perigoso, pois a rebelião está acontecendo por movimentos da própria coisa. Tecnologia, funcionalidades do mundo, etc., estão produzindo processos de rebelião à revelia dos conhecimentos e das ordenações. A psicanálise pode esclarecer e orientar esse movimento, mas só quando assumir a Indiferença do Real como seu lugar de referência, e não enquanto fingir que é psicologia ou Associação de Pais e Professores. Ela perde sua perspectiva e vira essa (não imundice, mas) mundice. O sujo é o Mundo, o Imundo é limpinho. A ideologia burguesa é que fez reversões e trocou as palavras de lugar. Tomou uma região, certo grupo de pessoas, excluiu o resto, fez uma faxina e disse que ali é o limpo e lá o sujo, mas isto é a oposição limpo / sujo dentro do mundo. Do ponto de vista da psicanálise, ali é uma sujeira, pois o Real é que está limpinho porque está purinho.

Repetindo, a psicanálise poderia perfeitamente esclarecer e orientar o movimento de rebelião. No início deste ano, falei em *Eleutéria*, o estado do homem livre, e *Exousía*, ter poder, recursos, para uma liberdade moral. A referência a esta postura da psicanálise, onde existir, estará no movimento das duas situações indicadas por essas palavras gregas. Portanto, a rebelião, se conseguisse dar conta de si mesma e ser orientada por alguma visão, significaria **Conhecimento + Revolta**. Ou seja, a Rebelião dos Anjos, orientada e

esclarecida, se dá por fato de conhecimento e revolta. Quando fiz uma associação desta psicanálise com a Gnose foi no sentido de que **há conhecimento por experiência do ponto de Real**. E quando me refiro a esse ponto, que minha Pessoa conhece por experiência, não posso, como estrangeiro ao mundo, não me revoltar com as paralisias e imposições do mundo. Esse conhecimento me dá esse direito – não direi *dever*, pois não se trata disto –, essa possibilidade aumenta as possibilidades diante do mundo e pede que o conhecimento do mundo também seja feito e produzido. Não se trata, pois, de ficar na inocência e na ignorância deixando que a Rebelião se dê à revelia de qualquer entendimento. Mas é o que acontece no mundo de hoje: não é possível parar a Rebelião que está em curso à revelia de qualquer entendimento, por falta de referências. Isto porque as referências disponíveis são todas sintomáticas. Basta olhar o que acontece no mundo. A psicanálise está no mesmo lugar. Luta para ser ainda lacaniana, ao invés de lutar para manter alguma suspensão e ser exemplar para esse mundo cuja referência é sempre sintomática. Ela não tem conseguido ser exemplar. Ao contrário, tem imitado o mundo. Isto é O Fracasso.

Conhecimento + Revolta. Revolta contra o mundo tal como imposto. A revolta se realiza na lida com o mundo, enquanto conhecimento da experiência de Haver e produção de conhecimento do mundo a partir dessa experiência. Portanto, já que está claro o que é a revolta e que é o conhecimento que permite a revolta e a rebelião, para a frente, vamos, se é que vamos, pensar o que seja o conhecimento segundo esta perspectiva. É preciso distinguir os dois termos, pois a postura das pessoas não é de Revolta, e a Rebelião acaba sendo efeito aleatório dos acontecimentos. Justo o que peço é o contrário: que a psicanálise sirva exemplarmente para se ser Pessoa reconhecendo sua Revolta e a aplicando, e não, sendo, como um fantoche no mundo, resultante de uma rebelião que se produz à revelia porque as pessoas são apenas empurradas pelos acontecimentos. É preciso estar na participação dos acontecimentos. O que está acontecendo não é nada bom, em todos os sentidos. Desde a posição dos ecologistas, que dizem que os homens não sabem lidar com o mundo e o emporcalham, até as posições políticas de guerra, estão todos sendo levados num processo de ebulição sem exemplaridade. Nas diversas épocas, aparece em algum lugar a exemplaridade que cada uma vai buscar para se encaminhar. Não vejo, para a nossa, exemplaridade melhor do que esta psicanálise. Porque ela está tentando refletir o que já acontece no mundo. E já vem tardemais. Ela não está dizendo o que acontecerá, e sim o que já acontece sem norte, sem orientação, sem esclarecimento – e isto é perigoso e difícil. O que chamam quebra de fundamentos é simplesmente que os valores estão se indiferenciando por questões acontecimentais e ainda se insiste em refletir psicológica, filosófica ou politicamente quando nenhum desses discursos *se* parece com o fato. E é preciso que o discurso seja parecido com o fato para poder dar conta dele e organizá-lo.

O que digo é que esta psicanálise se parece com o fato que já está visível no mundo. Ou seja, não se está inventando nada.

Se fôssemos exemplares – e não vamos mentir dizendo que somos –, poderíamos dizer ao mundo que não só temos um discurso que se mostra capaz de manter um processo de neutralização permanente, como funciona até do ponto de vista institucional. Então, teríamos esse laboratório para mostrar, mas não o temos. O que acontece de ruim é que os chamados analistas querem distância da postura analítica em qualquer lugar e imitam o mundo externo e ultrapassado, aquele que o século XX resolveu e que já está tard demais. Assim, ao invés de a instituição ser exemplar para o mundo, copia a família, o Estado... Onde estão os psicanalistas?